

## COE médio da cafeicultura aumentou devido ao reajuste salarial de 2017

Devido à sua grande participação na composição dos custos de produção da cafeicultura, a mão de obra (pessoas) trouxe impactos na situação financeira das principais regiões produtoras das espécies *Coffea arabica* e *Coffea canephora* em 2017 em função do reajuste salarial brasileiro.

O novo salário mínimo, de R\$ 937,00, que passou a vigorar em janeiro/17, gerou um aumento médio de 2,32% no Custo Operacional Efetivo (COE) do *C. arabica* e 3,32% de aumento no COE do *C. canephora*, entre janeiro/17 e fevereiro/17, como se observa na Tabela 1. Neste período, o maior impacto no COE entre os municípios que produzem a primeira espécie foi observado em Santa Rita do Sapucaí/MG e Guaxupé/MG (+3,51%), enquanto o menor foi observado em Monte Carmelo/MG (+0,76%). Essa condição se deve ao tipo de produção no município do

cerrado mineiro, que é mecanizado. Já entre os municípios que produzem *C. canephora*, Jaguaré/ES apresentou um aumento de 3,43% no COE devido ao novo salário mínimo, Itabela/BA 3,13% e Cacoal/RO 3,04%.

As variações nos custos com insumos para a produção de *C. arabica* entre janeiro/17 e fevereiro/17, porém, minimizaram o impacto do reajuste salarial em seis das dez regiões analisadas. Em média, o COE aumentou 1,74% no bimestre. Em Caconde/SP apesar do aumento nos custos com pessoas, houve redução no COE devido aos custos menores com corretivos, fertilizantes e produtos fitossanitários. Em fevereiro/17 o COE no município paulista ficou em R\$ 292,29 por saca. Em Monte Carmelo/MG o COE se reduziu em função dos custos com corretivos e produtos fitossanitários, e ficou em R\$ 335,03 por saca.

Entre os produtores de *C. canephora*, os insumos agrícolas apresentaram custos maiores em fevereiro/17, e o aumento médio do COE em relação a janeiro/17 chegou a 3,69%. O maior custo foi verificado em Jaguaré/ES, onde o COE foi de R\$ 252,72 por saca. Apesar dos preços de venda estarem em patamares elevados para essa espécie, em função dos problemas meteorológicos que incidiram sobre as principais regiões nos últimos anos agrícolas, salienta-se que este aumento nos custos é expressivo. Muitos produtores não têm atingido suas produtividades ótimas, o que influencia diretamente suas margens de lucro. Além disso, a elevação dos custos de produção tende a ser sistêmica, especialmente pela política de reajuste salarial, enquanto os preços de venda do café geralmente atendem às condições de oferta e demanda, tendendo a apresentar movimentos cíclicos e sazonais.

Tabela 1: Influência do reajuste salarial sobre o COE de janeiro/17

MUNICÍPIO	jan/17 a fev/17		fev/17
	Varição do COE (%)	Varição causada apenas pelos salários (%)	COE (R\$/saca)
Apucarana/PR	4,19	3,27	319,99
Brejetuba/ES	4,45	3,24	302,79
Caconde/SP	-0,31	2,63	292,29
Capelinha/MG	1,00	2,63	344,35
Franca/SP	2,98	1,63	372,97
Guaxupé/MG	3,72	3,51	387,03
Luís Eduardo Magalhães/BA	0,67	1,26	250,50
Manhumirim/MG	2,26	2,93	335,10
Monte Carmelo/MG	-0,67	0,76	335,03
Santa Rita do Sapucaí/MG	3,02	3,51	359,28
<b>VARIÇÃO PONDERADA ARÁBICA</b>	<b>1,74</b>	<b>2,32</b>	-
Cacoal/RO	3,08	3,04	212,01
Itabela/BA	4,72	3,13	238,60
Jaguaré/ES	3,71	3,43	252,72
<b>VARIÇÃO PONDERADA CONILON</b>	<b>3,69</b>	<b>3,32</b>	-

## Preço de venda do *Coffea canephora* subiu 23,20% entre abril/16 e março/17

Entre abril/16 e março/17, o preço médio de venda do *Coffea canephora* apresentou uma variação de 23,20%. A maior variação mensal ocorreu quando o preço da saca foi de R\$ 416,90 em setembro/16 para R\$ 507,31 em outubro/16, um aumento de 21,69%. Influenciado pela falta de *C. canephora* no mercado, o preço de venda do *Coffea arabica* também apresentou aumento, porém menor. Nos doze meses analisados houve uma alta de 4,43%. Possivelmente, o *C. arabica* de qualidade inferior atendeu parte da demanda pelo *C. canephora*, o que pode ter elevado os preços médios dessa espécie em função do aumento em sua demanda.

No início do ano 2017, porém, observou-se um movimento de queda nos pre-

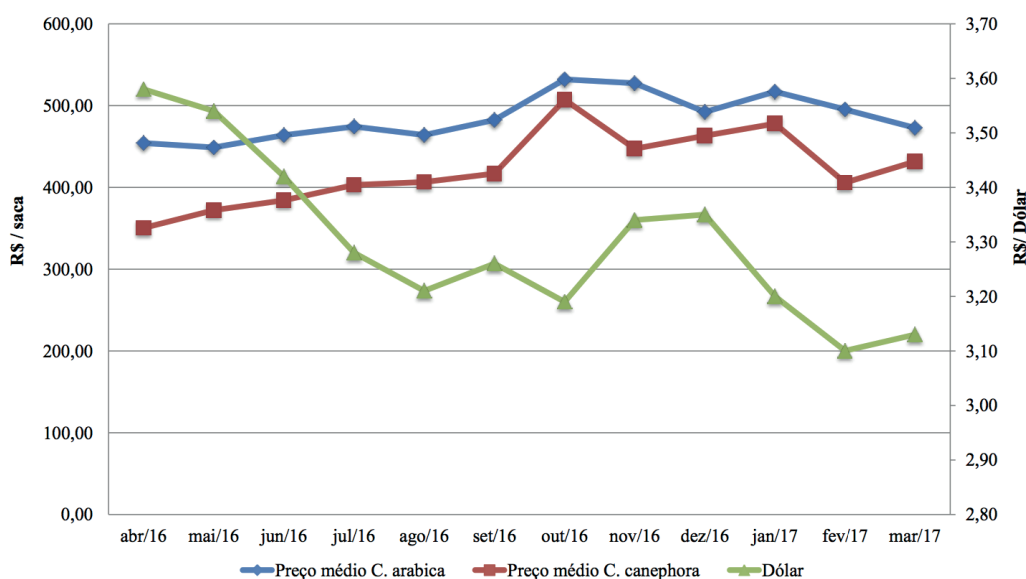
ços do *C. canephora*, como apresentado no Gráfico 1. Entre janeiro/17 e fevereiro/17 houve uma redução de 15,15% nos preços, que foram de R\$ 478,03/saca no primeiro mês para R\$ 405,62/saca no segundo. Essa variação pode ter ocorrido devido ao pedido de importação de *C. canephora*, que foi aprovado pela Câmara de Comércio Exterior (Camex) na primeira quinzena de fevereiro/17. Entretanto, uma semana após a aprovação do pedido, a importação foi suspensa, fato que possivelmente explica a reação nos preços em março/17, quando ficaram em R\$ 431,66/saca em média; um aumento de 6,42% em relação ao mês anterior.

O Espírito Santo, principal estado produtor de *Coffea canephora* do país sofreu com

condições meteorológicas desfavoráveis nos últimos anos, o que acarretou em uma redução na sua produção. Segundo série histórica da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), a produção desta espécie no estado se reduziu a uma taxa média anual de 12,85% desde 2012.

Em decorrência das condições meteorológicas desfavoráveis e redução na produção do *C. canephora*, além das medidas político-econômicas do governo federal nos últimos meses, houve um comportamento atípico dos preços do café, especialmente em relação ao dólar. Infere-se que os preços do café sofrem influência da taxa de câmbio. Porém, no período analisado isto não foi evidente, como observado no Gráfico 1.

Gráfico 1: Preço médio pago ao cafeicultor brasileiro entre abril/16 e março/17



Fonte: Bacen; Projeto Campo Futuro CNA (2017).  
Elaboração: CIM/UFLA

## Colheita e pós-colheita impactaram COE do *Coffea canephora* em 1,81% após reajuste salarial

O aumento de 6,48% do salário mínimo causou uma elevação de 5,09% nos custos de colheita e pós-colheita e, consequentemente, de 1,81% no Custo Operacional Efetivo (COE), nas regiões produtoras de *Coffea canephora* analisadas pelo Projeto Campo Futuro. De acordo com simulação realizada sobre esses

dados, em Cacoal/RO esse componente do custo de produção foi de R\$ 77,14/saca em janeiro/17 para R\$ 80,05/saca em fevereiro/17, aumento de 3,78%. Já no município de Itabela, no sul da Bahia, o acréscimo foi de 5,11%, elevando o custo de R\$ 89,40/saca para R\$ 93,97/saca. No norte do Espírito Santo, município de Jaguaré,

o comportamento foi semelhante, onde esses custos foram de R\$ 81,10/saca para R\$ 85,54/saca, um aumento de 5,48%.

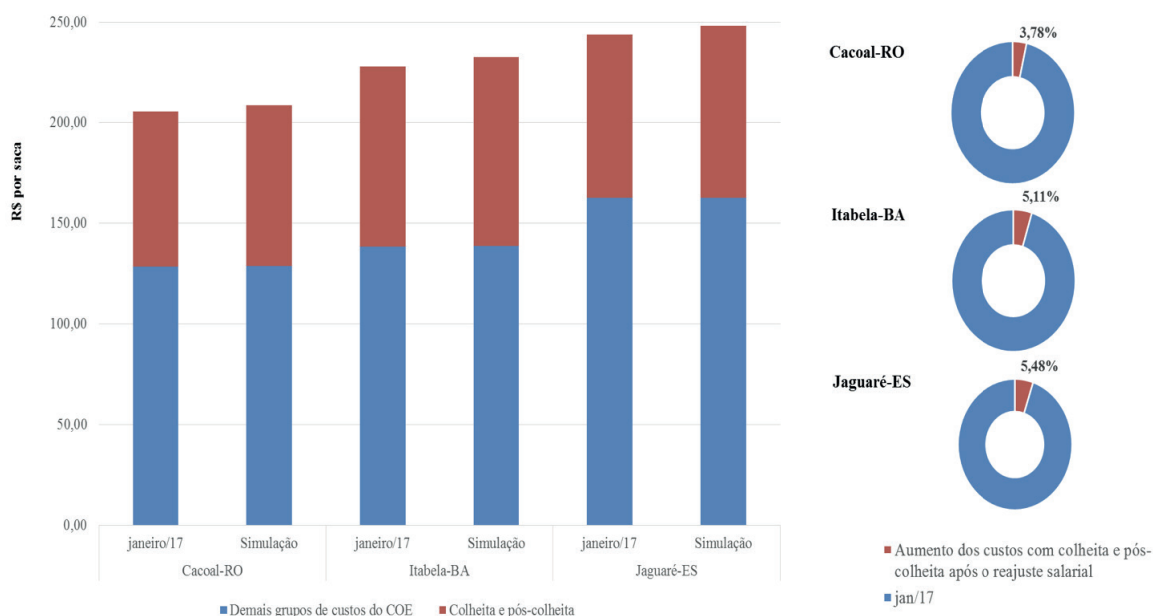
O reajuste salarial nos custos de colheita e pós-colheita causou aumento no Custo Operacional Efetivo (COE) dos três municípios analisados, principalmente por este

item de custo compor 37% do COE do *C. Canephora*. O maior aumento (2,07%) foi verificado em Itabela/BA, onde o COE foi de R\$ 227,85/saca em janeiro/17 para R\$ 232,56 em fevereiro/17, como apresentado na Figura 1. Em Cacoal/RO e Jaguaré/ES, esse aumento foi de 1,47% e 1,87%, respectivamente, passando de R\$ 205,69/saca para R\$ 208,71/saca no primeiro município, e de R\$ 243,68/saca para R\$ 248,24/saca no segundo. Apesar

de iniciada a colheita do *C. canephora*, observou-se aumento de 6,42% no preço de venda deste produto em março/17, quando chegou a ser comercializado por R\$ 431,66/saca. Uma provável explicação para esse comportamento seria a suspensão da possível importação de café. Isto pode ter gerado expectativas de redução na oferta do produto em médio e longo prazo, justificando essa variação positiva no preço.

O cenário de alta nos preços do *C. Canephora* atenuou a redução nas margens de lucro do cafeicultor devido ao aumento no custo de colheita e pós-colheita observado em fevereiro/17. Porém, é necessário que o produtor seja cauteloso em suas análises, pois o comportamento dos preços segue movimentos cíclicos, e sua normalização em relação aos dados históricos deverá ocorrer em patamares inferiores aos atuais.

Figura 1: Impacto do reajuste salarial na colheita e pós-colheita sobre o COE.



Fonte: Projeto Campo Futuro CNA (2017).  
Elaboração: CIM/UFLA

## Evolução da produção de café nos estados brasileiros entre os biênios 2007/2008 e 2015/2016

No biênio 2015/2016 o Brasil produziu um total de 94,6 milhões de sacas, o que representa um aumento de 15,2% sobre as 82,1 milhões de sacas do biênio 2007/2008. A diferença equivale à produção de quase uma Colômbia. No entanto, o desempenho individual dos estados brasileiros no período foi heterogêneo.

Com o propósito de compreender o papel de cada estado no crescimento recente da produção nacional, o Bureau de Inteligência Competitiva do Café analisou os números de Minas Gerais, Espírito Santo, São Paulo, Bahia, Rondônia e Paraná no período entre 2007 e 2016. Para minimizar o efeito da bialidade, foram consideradas as médias bianuais para composição da série temporal. Os dados

foram obtidos a partir dos levantamentos de safra da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab).

Para comparar o desempenho dos estados, a produção de cada um foi transformada em um índice, sendo o biênio base 2007/2008 igual a 100. O resultado é apresentado no Gráfico 2. A primeira constatação é de que o aumento na produção nacional foi puxado por Minas Gerais e São Paulo, com incrementos de 32% e 43% no período, respectivamente. Em ambos, o crescimento foi contínuo ao longo da última década, o que indica uma confluência de fatores favoráveis à cultura, como clima e uso de tecnologias. A produtividade destes estados aumentou consideravelmente no período, chegan-

do ao patamar de 30 sacas por hectare em 2016.

O Espírito Santo obteve bom crescimento até o biênio 2013/2014, chegando ao aumento de 20%, mas as condições meteorológicas desfavoráveis que incidiram no estado nos últimos anos provocaram perdas nas safras de 2015 e 2016, o que retornou o volume de produção para o mesmo patamar do biênio base (2007/2008). Após algumas retrações durante o período, em 2015/2016 a Bahia produziu praticamente o mesmo volume de 2007/2008. A produtividade do estado caiu em decorrência da estiagem e temperaturas elevadas, como aponta a Conab.

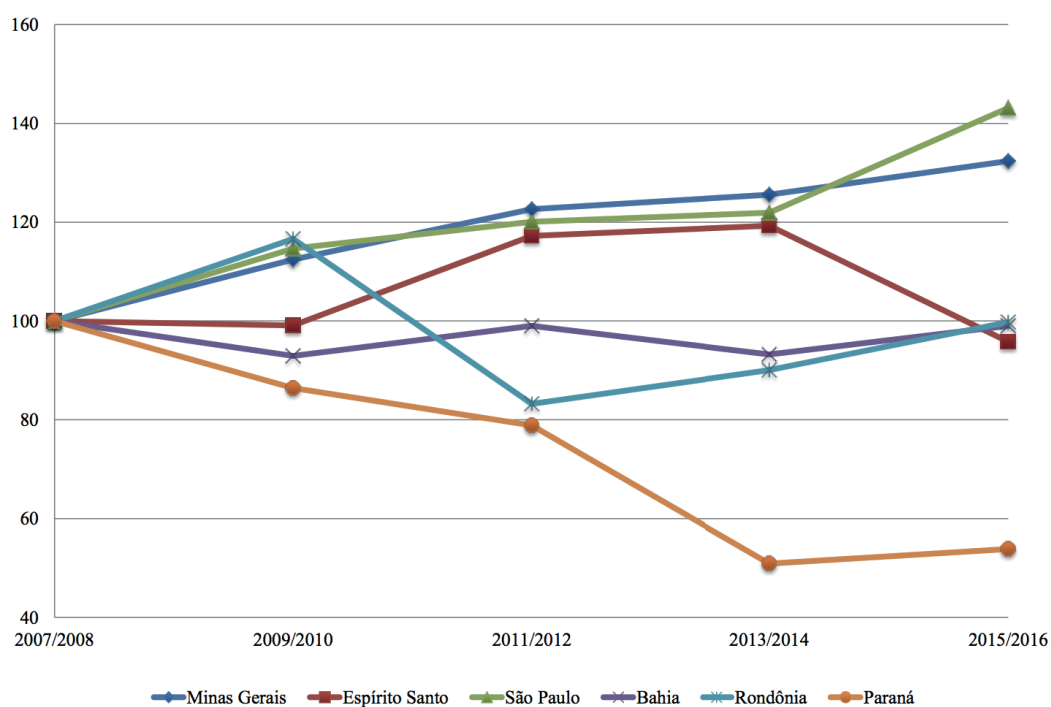
Apesar do aumento significativo de 16% na produção do biênio 2009/2010, a produção de Rondônia em 2015/2016 também está no mesmo patamar inicial, mas sabe-se que houve redução na área plantada e grande melhoria na produtividade. Por fim, a produção paranaense apresen-

tou o pior resultado. A queda observada, de 42,15%, foi decorrente da diminuição da área plantada e da produtividade.

O Bureau avalia que a diversidade geográfica da cafeicultura brasileira é um ponto forte. Para mantê-la, são necessárias pes-

quisas e ações que permitam aos estados com produção estagnada, ou declinante, uma retomada do crescimento de maneira sustentável. 🌱

**Gráfico 2: Evolução da produção de café nos principais estados produtores do Brasil entre os biênios 2007/2008 e 2015/2016**



Fonte: Conab  
Elaboração: CIM/UFLA